

À **Daniel Fabre**

*In memoriam*

O presente número da Revista Memória em Rede registra, como homenagem póstuma, uma breve notícia biográfica do antropólogo Daniel Fabre, para quem o tema do patrimônio foi um elemento central de reflexão. Fazemos esta homenagem no momento em que, com estupefação e tristeza, ficamos cientes de seu inesperado falecimento ocorrido no dia 24 do corrente mês de janeiro.

Daniel Fabre nasceu em 1947 na cidade de Narbone no sudeste da França, em um ambiente marcado pela diversidade cultural e linguística. Em entrevista concedida ao também antropólogo **Thierry Wendling**, em 2013, Daniel Fabre descreve o ambiente doméstico como segue:

Lembro que na casa onde nasci, no térreo vivia um comerciante que não falava uma palavra em francês, apenas catalão. No primeiro andar, uma *languedocienne*<sup>1</sup> que misturava o occitano<sup>2</sup> com francês, e um casal de italianos que falava italiano. No andar superior, onde nós vivíamos, minha mãe usava muito o catalão porque ela havia sido educada por sua avó, uma catalã de Lérida, Lleida em catalão, e ela conhecia também o occitano. Meus ouvidos foram habituados, desde muito jovem, a escutar todas estas línguas e por volta dos 18 anos eu desenvolvi a vontade de aprende-las. Além disso, eu passava, a cada ano, longas férias em um vilarejo da Montanha Negra, onde os adultos falavam todos o occitânico.<sup>3</sup>

É possível pensar que esse universo multicultural de origem, tenha conferido a Daniel a vocação para estudar e compreender diferentes culturas e formas de expressão, justificando assim seu ingresso no campo da Antropologia, sua busca por ampliar horizontes, o que lhe caracterizou como um “cidadão do mundo” que na mesma semana poderia estar na Itália, em Paris e em qualquer outro lugar. Ao mesmo tempo, foi essa quase visceral ligação com o sul, com o Languedoc familiar, que esteve sempre presente como objeto de pesquisa, tema de análise, “destino do coração”, lugar de vida, memória, e igualmente o lugar de sua morte e que abrigou seu corpo, enterrado na cidade de Carcassonne.

Tal como ele próprio se apresenta na página do Laboratório de Antropologia, História e Instituição da Cultura- LAHIC- foi Diretor de Estudos na École des Hautes

---

<sup>1</sup> Originária da região denominada Languedoc, no sudeste da França.

<sup>2</sup> Occitano, também conhecido como Provençal ou *langue d’Oc*, foi um grande ramo linguístico e cultural do sul da França medieval e que persistiu sob forma dialetal e atualmente como reivindicação identitária, nessa mesma região.

<sup>3</sup> WENDLING, Thierry. L’intelligence du conte. Entretien avec Daniel Fabre. *Etnographiques*, n.26, juillet 2013, Sur les chemins du conte.

Etudes en Sciences Sociales- EHESS (Paris), desde 1989, co-fundador, com Jean Guilaine, do Centro de Antropologia das Sociedades rurais, laboratório da EHESS, fundador e diretor (até sua morte) do LAHIC e co-fundador do Instituto Interdisciplinar de Antropologia do Contemporâneo- IIAC-CNRS, tendo atuado como professor convidado em universidades italianas desde 1998.

Como pesquisador seus trabalhos abordaram os saberes orais tradicionais, tema de sua tese de Doutorado. A construção das identidades locais na região do Languedoc foi igualmente tema de investigação, sendo um dos objetos de análise a produção social das identidades sexuais, em particular da virilidade, em sociedades camponesas. Este tema rendeu-lhe a participação no volume III da obra *História da Vida Privada*, bem como na *História dos Jovens no Ocidente*<sup>4</sup>.

Outros temas de pesquisa foram então se configurando como o carnaval, a relação com os mortos e autobiografia. Já na década de 1990 o tema da emergência da escrita nas sociedades da oralidade, com ênfase nas autobiografias espontâneas de pessoas comuns, assume uma dimensão de grande importância na carreira de Daniel Fabre, tema que o acompanhou praticamente até o presente.

Entretanto, foi por suas reflexões sobre a monumentalidade e os usos do passado que nosso Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural convidou-o a organizar, em conjunto com o antropólogo Octave Debary, um programa para ser desenvolvido na Escola de Altos Estudos, aprovada pela CAPES em janeiro do corrente ano de 2016. Suas obras coletivas *Les monuments sont habités*<sup>5</sup> e *Émotions patrimoniales*<sup>6</sup> são referências para a compreensão do que denominamos regime patrimonial, que encerra consigo a complexa relação com o passado.

Porque vivemos sob o signo da memória, me deixo agora recordar as tardes vividas no já distante ano de 2009 na sala do antigo Seminário dos Conflans em Paris, iluminada por janelas dando para o jardim e adornada por mobiliário pertencente à Viollet-le-Duc. Nestas tardes pude escutar Daniel Fabre falando sobre um dos seus objetos de reflexão- *Le dernier*- e com toda sua erudição, retomar diferentes registros desse paradigma antropológico do Último.

---

<sup>4</sup> L'invisible initiation: devenir filles et garçons dans les sociétés rurales d'Europe.

[https://www.canalu.tv/video/campus\\_condorcet\\_paris\\_aubervilliers/l\\_invisible\\_initiation\\_devenir\\_filles\\_et\\_garcons\\_dans\\_les\\_societes\\_rurales\\_d\\_europe.17599](https://www.canalu.tv/video/campus_condorcet_paris_aubervilliers/l_invisible_initiation_devenir_filles_et_garcons_dans_les_societes_rurales_d_europe.17599)

<sup>5</sup> FABRE, Daniel; LUSO, Anna (éd.). **Les monuments sont habités**. Paris, Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme, Coll. Cahiers d'ethnologie de la France, 24, 2009.

<sup>6</sup> FABRE, Daniel (sous la direction de). **Émotions patrimoniales**. Paris, Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme, 2013.

Certamente a Antropologia e os estudos patrimoniais ficam órfãos desse grande mestre. Certamente várias pessoas, como eu, também experimentarão o vazio que fica por não ter mais a referencia que ele significou. Mas nos consola saber que ele continuará existindo em sua obra, na disseminação de suas ideias, na generosa inteligência que compartilhou ao longo de sua trajetória.

Daniel habita agora a medieval Carcassonne e essa *langue d'Oc* continuará seu berço e lugar no mundo.

**Maria Letícia Mazzucchi Ferreira**

*Pelotas, 25 de janeiro de 2016*